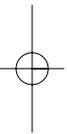


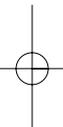


PARTE IV

Estante

Notas de Leitura





N O T A D E L E I T U R A

Vida e morte de Fama

a religiosidade em

A Morgadinha dos Canaviais

de Júlio Dinis

*A sociedade portuguesa
foi quase sempre pobre:
de instrução, de cultura
e de bens materiais.
Em tais condições,
a incapacidade
de discernimento,
pessoal ou de grupo,
acentua-se
não por falta
de inteligência
dos indivíduos
mas porque o meio,
avesso, os impede
de crescer.*

Matilde Estevens
Mestre em Auditoria
Contabilística Económica
e Financeira (UAL)
Licenciada em Ciência
das Religiões (ULHT)
Professora jubilada do ISCAL

O sonho

O ambiente era de excitação, aquele que precede os grandes acontecimentos. A aldeia, o ambiente, as falas, não eram nem os da minha amada campina, nem sequer as do *planoalto* a terra saloia de adopção. Estava a norte, norte, num palácio, com muita pronúncia de “b’ s” e “v ‘s”, que não eram meus. Era 6 de Janeiro, dia de Reis.

Entrei em cena, com a força, serenidade e o tremor da imensidão do êxtase; encarnava a *Fama*. Eu era alta. Compridos os meus cabelos loiros e garça a cor dos meus olhos. Teria uns doze anos. À ovação que ia abastendo a sala, sucedeu um *ensurdecedor silêncio*. Acordei.

No dia anterior numa reunião de amigos, condiscípulos da adolescência, recordámos a literatura marcante do nosso tempo de estudantes. Tomei força e falei acaloradamente de Júlio Dinis¹ e da sua *Morgadinha dos Canaviais*. Dos presentes só eu o tinha lido; dele recordava o nome e o impressionante quadro resumido no

¹De seu verdadeiro nome, Joaquim Guilherme Gomes Coelho, viveu entre 1839 e 1871. Nasceu no Norte. Era médico. Profundo observador das gentes, não deixou de aplicar a sua profissão que se advinha na obra. É um escritor de transição entre o Romantismo e o movimento literário realista. A sua obra fazia parte do programa obrigatório do ensino secundário. Visto com olhos de ver, para além dos amores que se consumam, este livro é quanto a mim de um realismo excessivo... dulcificado pelos matizes do amor romântico. Morreu de tuberculose Júlio Dinis.

MATILDE ESTEVENS

meu sonho, marca que registei para sempre e que conheci aos doze ou treze anos de idade².

Enquadramento social e histórico da obra

Historicamente a sociedade portuguesa vivia um período de transição liberal, optimista. O autor observa como cientista, poeta e crítico, as diferentes classes sociais que se opõem: “os antigos rendeiros, quando laboriosos, prosperam, os fidalgos grandes proprietários veem-se à beira da ruína e obrigados a cultivar as suas terras, os engenheiros abrem estradas que modificam a fisionomia das aldeias, os caciques eleitorais levam atrás de si o povo como rebanho, sugere-se que emancipar as camadas rurais, vítimas da ignorância, é tarefa urgente, e que o mestre-escola é o cabouqueiro de um risonho porvir”³. Do ponto de vista religioso os conventos e as casas religiosas tinham sido extintas com a incorporação dos seus bens na fazenda pública (1834 – decreto de Joaquim António de Aguiar), situação que foi invertida em 1848 após acordo com a Santa Sé; reintroduzem-se as ordens religiosas, nomeadamente a Companhia de Jesus. A agitação prossegue e em 1871 a realização das Conferências do Casino (22 de Maio a 26 de Junho) em que se distingue o filósofo Antero de Quental⁴, são proibidas.

Dado o exposto a temática da obra vai ser desenvolvida tão só no âmbito do seu conteúdo religioso.

A religiosidade em A Morgadinha dos Canaviais

As principais personagens que vão encorpar a apresentação são Madalena (Lena, a morgadinha), Angelo (irmão de Lena), Ermelinda (Linda), Cancela (Herodes), almocreve de profissão e pai de Linda, o mestre Pertunhas (artista e encenador do auto) o casal Zé P'reira (toca tambor) e sua mulher a devota e temente Catarina, madrinha de Linda, o missionário, o padre e as beatas.

O tempo religioso é natalício, já os Reis. Prepara-se para este dia a representação de um auto, no pátio do Mosteiro. Lena pela sua idoneidade, ascendência, cultura e modo de estar mantinha com a população relações ímpares, funcionando como enfermeira, leitora (de cartas pois muitos não sabiam ler), uma pessoa de conselho e a quem se queria bem. Relativamente à religião um posicionamento muito crítico. Entre a sua família, da Quinta do Mosteiro, e a de Cancela havia profundas relações de amizade, considerando embora posições sociais diferentes. Ângelo, irmão de Lena, e Ermelinda eram da mesma idade. Brincavam juntos e ligava-os um fraternal amor. O rapaz vivia em Lisboa, despedia-se das férias natalícias. Era o seu último dia.

²No programa de literatura obrigatório, do ensino secundário contavam-se: 1) *As Pupilas do Senhor Reitor* e 2) *Uma Família Inglesa*; creio que a *Morgadinha dos Canaviais* apareceu por acrescento. Mesmo à luz actual, entendo que não é um livro inócuo.

³Coelho, Eduardo Prado(1999) in Editorial Verbo, pp. 383-384, Ed. Séc. XXI, Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, Lisboa e S. Paulo.

⁴Publicou *As causas da decadência dos povos peninsulares*, que aponta a ausência de uma reforma religiosa, como causa do atraso ibérico.

Apesar de, em regra, o nível cultural destes meios ser baixo, é comum a todos o gosto pelas festas. Ainda que religiosas têm quase sempre um carácter pagão. Há também a particularidade dos dotes natos, que podem atrofiar ou desenvolver-se em quem os possui, como se verá. A representação destas peças assume uma importância vital; todos vibram: o corpo artístico, familiares e amigos e, para o bem e para o mal, os espectadores. Contudo quem não pertença ao meio pela origem, cultura, ou pelo desenraizamento, sabe do intrincado de relações, sobreposições e misturas que a obra pode ter, dependendo da imaginação do autor e no caso Mestre Pertunhas.

Representação de um auto

Surgiu no palco imponente e trágico o rei Herodes (Cancela). Com o “*manto real, e turbante muçulmano, borzeguins vermelhos, corpete de veludilho azul, calções golpeados*”⁵; vinha armado com uma pistola e de alfange à cinta; ao peito trazia as condecorações. Eram largos os ombros, o olhar penetrante, cabelos negros e barbas espessas. Tinha uma voz forte e aspecto algo ameaçador. Iniciou monólogo expressando preocupações contra quem se dizia vir a ser o novo rei, sim Jesus, o anunciado *Messias*. Com a sua potente voz e as preocupações que o abatiam, mostrou a intenção de não se deixar vencer e anunciou a estratégia, que serviria o seu interesse (pp. 245-247):

*“Começarei desde logo / A publicar leis tiranas,
Que aterrem os meus montes, / Os palácios e as choupanas.*

...

Será cada lança um raio!

...

Cada espada um corisco,

...

Cada soldado um trovão,

...

Cada golpe um basilisco!”

A audiência prendeu-se à voz e ao gesto. Não se ouvia um suspiro. Preparando-se outra transição dramática, eis senão quando o criado que saíra reentrou, siderado (pp. 249):

*“Jesus, Jesus, que é isto? / Jesus do meu coração!
O sinal-da-cruz me livre, / De tão terrível visão!”*

Era a *Fama*, resplandecente, na pessoa de Ermelinda. Uma alvíssima túnica de amplas mangas soltas, caía-lhe sobre o corpo. Sem sacrificar uma beleza infantil de contornos graciosos, cujos cabelos de oiro longuíssimos, pareciam o sol na alvura do vestido. A fronte, pura e oval, expressava melancolia. Timidamente os seus belos olhos, procurando confiança em Madalena, pareciam dirigir-se ao céu. Era um encantamento.

⁵ DINIS, Júlio (1998): *A Morgadinha dos Canaviais*, Introd. M. Ema, Tarracha Ferreira (1998), pp. 245, Ed. Biblioteca Ulisseia, Lisboa.

MATILDE ESTEVENS

Com uma voz cristalina ligeiramente trémula pela comoção, “num religioso silêncio” (pp. 250-253) invocou a *matança dos inocentes* ordenada pelo rei da Judeia, com uma mensagem em verso⁶:

*“Desci dos celestes coros, / Por Deus mandada a escutar
Da infância as queixas e os choros / Para lhos ir confiar.
...
Desci. E tantos gemidos, / Tão dolorosos ouvi!
/.../
Quis recuar... mas descí.
/.../
Caem por terra sem vida / Tenras crianças, às mil,
uma turba enfurecida / Corre à matança febril.
/.../
Pedi remédio a Jesus.
/.../
No olhar do divino infante .. / Raiou suave fulgor,
/.../
Foi a aurora radiante / Que anuncia um redentor.”*

Assistiu-se a uma espécie de transfiguração. A *Fama*, foi tomada como o *anjo-da-guarda* da infância. A todos parecia milagre. Sem se saber como, houve um movimento que galvanizou a assistência. Rodearam Linda. Brillavam no rei Herodes o orgulho paterno da filha da sua vida: Linda. Estava envaidecido. Ao barulho do silêncio, seguiu-se o silêncio da ovação.

Despedidas

A primeira foi a de Ângelo. Era o seu último dia de férias. Esperava afectuosamente Ermelinda. Comoveram-se. Muitas lágrimas e um abraço.

A voz alvoroçada de Catarina, casta e devota, rompeu o ar, espantada (pp. 256-257): “- *Que terão ainda de ver meus olhos, meu Divino Pai do Céu? Que mundo este de abominação, meu doce Jesus! Ó Virgem das Dores, isto é para se ver e não se crer! Uma criança, uma criança de dois dias, ..., e já assim com a alma perdida! Ó meu Jesus crucificado! ... Teu pai é que tem a culpa... Trazer-te por entremezes, que são artes do demónio, e arredar-te da igreja, que é a casa do Senhor! É a missa dos domingos, e acabou-se. ... muita penitência te é já precisa, para salvares a tua alma*”. Seguiram-se imprecações contra todos; contra a família do Mosteiro, que apelidou de herege.

Não há resposta possível para o que se não entende. Nasceram em Linda naquela tarde o terror, a culpa, o arrependimento. Não conseguiu explicar ao pai Cancela (*Herodes*), as razões da sua prostração. Ele no dia seguinte iria para o Porto. Era dia de trabalho. Passou por casa da comadre, recomendou a filha, que lhe parecia doente.

⁶ A cena surgiu como uma aparição. Ignorou-se, quase até ao fim, o nome do autor dos versos. O traje e a figuração foram obra de Lena e de Cristina, sua prima.

Rumores, culpas e penitência

Como esquecer a presença de Linda no auto? Os ouvidos não perceberam... o quê? Sim. Sim, diz-se que desde os Reis a rapariga anda amarela e triste. Nem parece a mesma. Parecia até que trazia espírito. Havia ali coisa ruim. Quem lhe teria feito os versos?

Do Mosteiro, Lena resolveu ir ouvir o missionário, um homem gordo e vermelhão. Não queria passar por impenitente. Acompanharam-na os primos Cristina e Henrique.

Chegados, tocou-os a pobreza da igreja, mal iluminada. Mais pobre e lúgubre ainda a multidão de mulheres que a enchia. Negro. Branco apenas os lenços das suas cabeças. As vozes de umas arrastavam-se em orações e ladainhas, as de outras falavam Padre-Nossos e Avé-Marias. Além um grupo de penitentes de joelhos, percorrendo o lajedo, as faces coladas ao chão, batendo num peito de arrependimento. Os confessionários tinham portas com crivos de folha – para exposição dos pecados e recepção da ordem de penitência; distorcia-se cegamente o Evangelho nos preceitos de moral que consagra. Aos crentes recém chegados, o modo como a palavra de Deus era expressa, só lhes podia causar horror.

Num confessionário observaram um vulto encoberto, em posição de total prostração. Demorou-se infinitamente. Depois, arrastando-se pesadamente e de olhos chorosos, lançou-se para o grupo de mulheres e ajoelhou; lavava o chão com as lágrimas. Era Linda, um sopro. Catarina, a madrinha, amparou-a.

Livre da confessada, saiu do *nicho* um homem impante, olhando o seu rebanho, que o saudou triunfalmente. Era o missionário. Perto estava um infeliz homem, Zé P'reira, marido de Catarina, que precisava falar-lhe (p. 263): "... ó Sr. Padre, ou missionário, ou lá o que é... eu quero-lhe perguntar... Deus disse... A Religião manda... Quando um homem se casa..." Impossível a fala. Ouviu uma imprecação com ordem de que o retirassem dali.

Iniciou-se, em latim, um eloquentemente o sermão. Os cheiros eram de enxofre a ferver, de chumbo derretido, caldeiras de pezo e de fornhalhas ardentes; o tom, o das confissões mal feitas, das torturas e à mínima falta as almas carregavam o castigo da eternidade: arder na fogueira. O missionário clamava contra as obras do século, a ciência, os descobrimentos, a mudança dos costumes e as novas instituições sociais. Agitava-se um coro de vozes femininas e entre as beatas estava Ermelinda. O pavor alastrava. Continuram as imprecações contra os do Mosteiro e o Cancela... (pp. 265): "*Es-corraçai-os irmãos, se não quereis que se vos pegue a lepra do pecado e que Deus arrase esta aldeia, como arrasou Gomorra e Sodoma. ... Fugi deles... homens sem religião, mulheres sem temor de Deus ... eu vos esconjuro! Vade-retro, Satanás, vade-retro!*".

Regresso a casa

Desejava um retorno acompanhado com Deus. Era ainda longe do Porto a aldeia. A hora era a crepuscular. Sentiu-se acompanhado, por um aperto cada vez maior no coração. O ar tornava-se irrespirável. Era viúvo, pensou na mulher que perdera, também no regresso de uma viagem. Começou a tremer, só com muito esforço conseguia andar. Crescia o seu sobressalto. Chegado empurrou a medo a porta de casa. Entrou.

MATILDE ESTEVENS

Uma fila de cruzeiros de pau preto, imagens de santos e ninguém, ninguém a recebê-lo. Que espanto! Maldita velha, é isto que faz cismar a pequena. Ermelinda...! Silêncio. Uma pia de água benta, um ramo de alecrim. Queira Deus...! Ermelinda...! Chegou ao quarto que lhe faltava ver. A porta cedeu. Moveu-se um vulto, lá longe, a um canto, escondido no escuro do quarto. Linda...!

Respondeu uma voz fraca. Que tens tu filha, o que é isto? Quero-te abraçar e beijar... Vem cá filha, vem...!

A ansiedade aumentou, quando a viu perto de si. Suspeitas assustadoras: olhos pisados... faces abatidas, descoradas, sem riso... doente. Estás doente filha. Fala, filha, peço-te por amor de Deus...! Ai os pressentimentos do meu coração.

Começou a beijá-la; responderam-lhe choros e movimentos descontrolados. Para melhor examinar as feições, afastou o lenço que lhe cobria a cabeça. Urrou de dor, começando a chorar descontroladamente (p. 274):

“aqueles formosos cabelos loiros... que com tanto amor beijava, que com tanta soberba lhe desatava pelos ombros, o orgulho, o enlevo do seu coração de pai. Aqueles cabelos loiros haviam caído aos golpes de uma tesoura...”

Pedi que lhe dissesse quem foi. Como foi possível Linda ter consentido o roubo da alegria do seu coração? a ele o pai que tanto lhe queria. Sempre, desde pequenina. Ermelinda banhada em lágrimas pedia perdão, que se não afligisse, pois *a vaidade era pecado!*

Nem precisou ouvir mais... adivinhou! Tinham sido os missionários, padres beatas, e a bruxa da madrinha, a quem a confiara; vendeu-a às mãos de (p. 275) *“malvados sem dó, sem consciência, sem religião, sem Deus!... Deus? se Deus é assim, se Deus quer estas crueldades... Deus não é Deus, e eu não o reconheço nem adoro.”*

A dor era profunda. Não se sabia de quem era maior, se a da filha por ter o peso do pecado e amar o pai, se a deste este por amar loucamente a filha e saber que lha tinham morto. O desespero cegou Cancela, partiu tudo. Deixou de ouvir. Nem deu pela chegada de Catarina. Ermelinda estava aterrorizada; tentou falar mas caiu desmaiada e fria. A velha comadre vingou-se de Cancela. Já não o temia e culpou-o da morte da filha, chamando-lhe ímpio e condenado por Deus. Linda recuperou os sentidos. Desalvorado, Cancela procurou o missionário e quando o encontrou, após se apresentar perguntou-lhe (p. 279):

*“– Sabe o que lhe quero? Perguntar-lhe por a alegria e por a saúde da minha filha; ...Perguntar-lhe a que demónio ofereceu os cabelos daquela criança sem culpas nem maldade; perguntar-lhe com que veneno lhe envenenou o coração, e depois ... depois **matá-lo.**”*

Continuou a discussão. Chamou-lhe envenenador de almas, caluniador de Deus e dispôs-se a cumprir a sua ameaça.

Valeu ao *“Sr. Frei José”* o instinto de defesa e o amparo das beatas, que gritaram por ajuda. O regedor tomou conta da ocorrência; o crime seria punido com o rigor das leis, far-se-ia justiça. Por agora prendia-se o agressor.

As penas

No contexto reflecte-se apenas sobre a religião; não serão abordadas nem a política nem as lutas de interesses. Adivinha-se no entanto o que se vai passar. Os juízos finais são uma questão de tempo.

O processo de Cancela (o Herodes), correu entretanto pela justiça, seguindo os trâmites normais. Pensou-se que o tempo de prisão fosse curto dada a influência do Conselheiro a pedido de sua filha, a *morgadinha*; esta assumiu a correspondência entre Cancela e Linda, a filha, a quem assistia na doença.

O tempo passava. A doente registou entretanto melhoras: a frequência e a intensidade dos espasmos diminuiu, começou a ter cor nas faces, sorria e os terrores diminuíram. O médico garantiu que para Linda o pior tinha passado. Este parecer não impediu os receios da *enfermeira*. Sem mais um dia, Ermelinda é sacudida por um violento delírio, acabando em prostração extrema. Entardecia. Madalena trouxe-a para a janela na tentativa de revivificar o quanto a criança tinha perdido. O sol entrara no ocaso. Linda sorriu e correspondeu aos carinhos e ao afectuoso beijo de Madalena; olhou-a, fixamente, com ar triste. Depois, depois foi muito, muito tempo...!

...

O interesse humano sobrepõe-se muitas vezes às paixões e à dor. O que é a ambição dos homens? Que é a vida de uma pessoa, quando há interesses em jogo? Quem era Ermelinda?

O tempo desse tempo (tal como o de hoje) foi de profundas mutações. Politicamente, tudo se aproveitou (e aproveitou). Acabava de sair uma portaria revolucionária que mexia com costumes ancestrais de um povo: a proibição de enterramentos nas igrejas, que deveriam passar a ser feitos nos cemitérios, alegando questões de saúde pública. Uniram-se a religião e o costume, contra a política⁷. Fervia a ira popular, acirrada pela hipocrisia e o fanatismo de alguma igreja, nomeadamente do missionário que incitava o povo.

O passamento de Linda e o seu enterro, eram os grãos de pólvora necessários à explosão. Madalena, cumpriria a lei; o cadáver da menina a quem tanto amou, a irmã afectiva de Ângelo, com quem crescera e brincara, seria depositado no mausoléu da sua família, que se encontrava no cemitério. Cumpria-se a lei.

Não obstante, houve motins populares. Para acicatar os sentidos o missionário provocou, dizendo que era preciso que houvesse na terra (p. 319) “*um homem de vontade, que não deixasse fazer o enterro*”. Choveram as apostas e uma turba desordeira e envinagrada dirigiu-se ao cemitério. Da gente conhecida, não participaram na contenda o padre nem mestre Pertunhas. O sino da igreja repicava.

O repouso de FAMA

Na vida terrena, a tragédia de Ermelinda começara com a representação da *Fama*, no auto do dia de Reis. Prestem-se-lhe as últimas homenagens.

⁷O problema que se punha então com os enterros em campo aberto, era de natureza sanitária, mas é difícil acabar com a tradição. Semelhantemente hoje, com a mesma razão e também com o argumento da falta de espaço, fala-se em *cremação* generalizada; uma parte significativa da sociedade portuguesa, tem perante o crematório grandes preconceitos.

MATILDE ESTEVENS

Estava-se na segunda parte do dia. O céu enevoadado atravessava os sentimentos humanos, prenunciando tempestade. Uma ave piando tristemente, cruzava solitária a imensidão do céu.

O cerimonial fúnebre contava a igreja, onde *festivamente* repicavam os sinos; um modo de saudar a alma límpida que havia subido ao céu. O sepulcro estava aberto, observado por curiosos olhares; uma novidade. Linda ia para a sua última morada com a beleza que a conduzira à morte. O cortejo acabava de chegar. De repente viram-se movimentos fortuitos e as vozes, cada vez com mais alarido dirigiam-se ao cemitério... Eram os *opositores*. Gerou-se um grande lavarinto (p. 326):

“ – Alto lá, alto lá! Ninguém se enterra aqui!

...

– Não façam a festa sem nós!

– Fora com os do cemitério!

– Morram os pedreiros-livres!

– Para a Igreja!

– Olá, sr. Abade, espere por nós!

...”

Era gente avinhada. Dos padres, só o velho abade não abandonou o seu posto. A morgadinha, manteve-se digna, junto ao túmulo da mãe. Impediu que o profanassem. O sorriso de Ermelinda, na terceira dimensão, abria-se como uma flor, bem longe das paixões humanas!

O padre dirigiu-se aos revoltosos. Informado, perguntou se julgavam que Deus só recebia as almas que estivessem na Igreja, envenenando o ar que lá se respirava. Invocou a justiça de Deus para que se abatesse sobre um *ímpio*, que ousara tocar para levar o caixão, que estava já abençoado. Os ânimos abrandaram, com a intervenção do sacerdote. Em uníssono bradaram em contrário outras vozes, com as ameaças já feitas. Quem seria o agitador? A família de Madalena foi novamente vaiada; propuseram-se abater-lhe o mausoléu. A morgadinha, disse ameaçadora (p.329-333): - “*Aqui repousa minha mãe*” ... Cínico, em voz baixa, o missionário incitou o povo a que continuasse...!

...

“ – *Que é isto aqui?*”

...

Cancela (Herodes), estava livre. Desencontrou-se das notícias da Morgadinha e agora, perante ela queria cumprimentá-la...!

Fez-se um silêncio profundo. Cancela cristalizara ...!

“ – *Jesus, meu Deus! Está morta!... Ermelinda!...Filha!*

...

– *Matararam-me a minha pobre filha!*

...

– *Que mal lhes tinha eu feito para ma matarem!*

...

– *Como posso eu viver?*”

Vendo o povo amotinado, perguntou:

“ – *Que procuram?...Que querem? O que fazem aí armados, ao pé de minha filha morta?*”

À resposta... **respondeu...**:

“ – *Na igreja? ... Isso é que não! Sabem quem me matou a filha? Foram eles...
... Esses que ma tolheram de medos, que lhe roubaram as alegrias.*”

As lágrimas do Pai soltaram-se, num turbilhão. A noite adensava-se. Vibraram no ar tristes as Avé-Marias. O velho padre pronunciou a saudação dos anjos. Só a muito custo levaram Cancela. *Por sua vontade ficava ali.*

Opinião final

Não tenho razões para dizer que Deus existe nem para dizer que não existe⁸. Porém na minha viagem, o que sinto, o que os meus olhos têm visto e observado, o contacto em diversas paragens com povos e culturas diferentes levaram-me a concluir que a *fé é um dom*. Pergunto-me se não estará no diverso a essência da humanidade: religiões (crenças e não crenças), costumes e culturas, já que a Bíblia lida com o fito de a entender, me transmite tal mensagem? Parece-me que desde a infância da Terra o homem se abateu perante a sua grandeza e o seu mistério, o que lhe provoca profundos sentimentos de fragilidade e de solidão. A *DIVINDADE*, terá funcionado como a ponte, a raiz que ele procura para ligar o passado, o presente e o futuro; o desconhecido. De tal cadeia resultam códigos de valores e de comportamentos sociais, que instituem princípios de moral e de ética, seja em religiões politeístas ou nas que se identificam com um *Deus único*. Coexistem nelas as noções do *bem* e do *mal*, provavelmente as duas faces da mesma moeda. *Bem e mal*, o que são? *Poderá a resposta ser depende...?*

Em face das considerações feitas, não parece difícil enquadrar nelas e compreender a acção exposta a partir de *A morgadinha dos Canaviais*. Poderá suscitar uma certa rejeição ao leitor por lhe causar uma impressão de gosto pelo mórbido. Não se esqueça porém que para além dos traços da literatura romântica de que Júlio Dinis é precursor, é bem possível que a acção tenha sido real num ambiente das convulsões sociais-políticas, religiosas e económicas, que caracterizaram o Portugal do século XIX.

O regime constitucional e a ideologia liberal que o caracterizaram impunham reformas estruturais profundas. A classe política emergente apresentava-se frágil, não obstante procurar a consolidação dos seus poderes e privilégios. Quanto à religião o país era tradicionalmente católico, não obstante a expulsão das ordens religiosas, tanto que foram reintroduzidas. Acresce que durante os três séculos precedentes, se respirou a Inquisição. O Tribunal do Santo Ofício, a *Santa Inquisição*, promíscua com os poderes político e religioso, sancionado pela Igreja de Roma. Permitiu que, para defesa de *Deus*,

⁸ GALVÁN, Enrique Tierno (1986): *O Que É Ser Agnóstico*, Ed. Margens, Oeiras, opinião colhida pelo estudo da obra.

MATILDE ESTEVENS

bondoso e justo, e contra o que apelidou de heresias, se praticassem as maiores atrocidades. Com este historial e num país em convulsão compreende-se que a Igreja católica, na generalidade, difundia a palavra de Deus desligada do verdadeiro sentido de religião⁹, distorcendo-a para um quadro infernal e aterrorizador. Em nome do *divino* que se dizia querer alcançar, difundiam-se terrores e medos do Inferno, o castigo pelas mínimas faltas cometidas e sentimentos de culpa. Quase tudo era pecado. Nestas circunstâncias talvez não fosse fácil distinguir entre as noções de *bem* e de *mal*. O que é que *era o pecado*? O que *não era pecado*?

A sociedade portuguesa, foi quase sempre pobre: de instrução, de cultura, e de bens materiais. Em tais condições, a incapacidade de discernimento, pessoal ou de grupo, acentua-se não por falta de inteligência dos indivíduos mas porque o meio, avesso, os impede de crescer.

Na selecção feita para ilustrar a crítica de Júlio Dinis, às relações da *Igreja católica* com as populações são evidentes:

Ermelinda que personifica o pecado, não obstante ser ainda criança, ingénua e casta. Perdeu a alma e, para se salvar do fogo do Inferno, precisa de muito arrependimento, de muita penitência. O terror do fogo do Inferno que lhe é transmitido tanto pela igreja como pelas beatas que ela forma, numa primeira fase, levam-na a eliminar de si o que poderia ser susceptível: a vaidade, procurando remissão com o corte dos seus belos cabelos loiros, adoptando vestes que lhe cobriam o corpo e a deixaram irreconhecível. Adoeceu. Mais psiquicamente. Ficou aterrorizada e foi-lhe impossível libertar-se; talvez tenha sido o sentimento psíquico que lhe provocou a morte. As beatas, eram pobres e ignorantes mulheres; é de admitir que elas próprias seriam mais vítimas do que carrascos. Transmitiam uma mensagem que não descodificavam, não tinham capacidade para isso. Criminosa sim era a palavra do missionário; hipócrita e covarde, sabia aproveitar-se e bem da natureza humana, no que ela tem de mais perverso. A própria Catarina, velha beata, madrinha de Ermelinda, era insensível ao incumprimento do dever conjugal, que os costumes e a própria Igreja tradicionalmente lhe impunham: Zé Preira seu marido, pela incúria da mulher andava ao deus dará.

O missionário, já foi dito, é hipócrita, consciente das suas potencialidades quer conquistar valores. Sem se comprometer amotina. Submete o seu rebanho com arrogância; apercebe-se dos interesses mesquinhos da política que estão em jogo, a par do desconsolo popular justificado pela mudança dos ritos fúnebres, o enterramento que passa para o campo ao ar livre nos cemitérios. Aquele personagem, representante de uma certa voz da igreja¹⁰, insinua não haver homens que sejam homens, provoca-os;

⁹Segundo Machado, José Pedro (1977): *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, p. 70, V vol., 3.ª ed., Livros Horizonte, Lisboa. Pode ter o sentido de "atenção escrupulosa... consciência" e continua já, mais para a relação com o sagrado propriamente dita (v.g. *práticas religiosas, culto*); já Malaca Casteleiro (2002): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, pp. 3175, refere-se-lhe como «Crença na existência de um poder superior, do qual o homem depende; também pode ser um "Sistema estruturado de doutrinas crenças regras e práticas de uma determinada comunidade de pessoas que instituem um determinado tipo de relacionamento com o poder superior, sobre-humano"» - Academia das Ciências de Lisboa, e Editorial Verbo, Lisboa. Se se procurar conjugar as duas concepções parece poder afirmar-se estar perante um sistema estruturado, pelo que práticas desgarradas acabam por não fazer sentido.

¹⁰Já sem comparação com o passado do séc. XIX, mas no Portugal católico do séc. XX observa-se muita desta dualidade, ou seja, a diferença entre o que eu *digo*, o que *sou* e o que eu *pratico*. Felizmente que muita coisa mudou. A Igreja tem na sociedade um importantíssimo papel, poderá e deverá mudar muito, devendo ser mais interventiva. Não podendo ver sem ver nem ouvir sem ouvir, ou então não vale a pena haver igreja. As pessoas, os pobres, os famintos, os deserdados, os excluídos têm que acreditar.

faz imprecções contra tudo e contra todos – a falta de religião, os pedreiros-livres e os hereges. Provoca uma onda de choque popular; não respeita o que é sagrado, à luz da igreja que pretende ser a sua e o instrumento é uma criança que já não pertence à vida.

É tudo mau? Não. Madalena a *morgadinha* é uma figura ímpar: esclarecida, digna, religiosa e crítica. Pratica os preceitos anunciados pelo Messias, o Filho de Deus. Funciona como sendo a mão que a todos se estende, para amparar. Não fecha os olhos, ainda que dorida, à política, incluindo a do conselheiro seu pai. Também o velho padre, enfrenta os amotinados, batendo-se pela justiça, pela Igreja, pela omnipresença de Deus. Rejeitando uma Igreja católica hipócrita, cujo *deus* se recusa a adorar, está Canceleda pois, para si, *Deus* nunca permitiria que mãos cruéis assassinassem a sua amada filha. Foi assim convicto e corajoso que exigiu que Linda repousasse num *lugar sagrado*, mas não naquele que a velha instituição lhe queria impor.

Para concluir um posicionamento de esperança relativamente à sociedade, que é dinâmica. É evolução. *Deus* no sentido bíblico continuará presente, para os crentes e quem sabe se para agnósticos e ateus, quem sabe se é assim? Talvez que Deus a existir, prefira a diferença. Só assim se pode ser livre.

A nota final com que se encerra o texto, é a convicção de que o homem pode sempre progredir, basta que tenha a semente e lhe dêem um bom espaço. Na trama sobre que dissertámos houve um mistério não respondido. Os versos declamados por Fama não encaixavam na estrutura do auto dos Reis. Quem terá feito os versos? Só poderia ser Augusto, o mestre-escola pobre, de condição social inferior mas que casará com a *morgadinha* simbolizando essa união a vitória do amor, da inteligência, da instrução, da generosidade e de uma fé autêntica em Deus. Além de mais sabe-se que só com um mínimo de riqueza e o mais que puder ser de instrução e de cultura uma sociedade poderá evoluir.

Bibliografia

- ALMEIDA, Fortunato (1968): *História da Igreja em Portugal* (nova edição preparada por Damião Peres, vol. II, Livraria Civilização Editora, Porto, Lisboa.
- ____ (1971): *História da Igreja em Portugal* (nova edição preparada por Damião Peres, vol. III, Livraria Civilização Editora, Porto, Lisboa.
- ALVES, Herculano (Coord) (1998): *Nova Bíblia dos Capuchinhos*, 1.^a ed., Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima.
- COELHO, Eduardo Prado (1999): Júlio Dinis, Ed. Verbo, Ed. Séc. XXI, Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, Lisboa- S. Paulo.
- DINIS, Júlio (1998): *A Morgadinha dos Canaviais*, Introd. M. Ema Tarracha Ferreira, 4.^a ed, Biblioteca Ulisseia, Lisboa.
- FALCÃO, José (cónego) (1958): *Evangelhos e Actos dos Apóstolos*, Editorial Logos da Acção Católica, Lisboa.
- GALVÁN, Enrique Tierno (1986): *O Que É Ser Agnóstico*, Ed. Margens, Oeiras.
- MALACA Casteleiro (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Ed. Academia de Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, Lisboa.
- MACHADO, José Pedro (1977): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, II vol, 3.^a ed, Livros Horizonte, Lisboa.
- OLIVEIRA MARQUES, A. (1977): *História de Portugal* (vol. II) – *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*, Palas Editores, Lisboa.
- OZ, Amos (2007): *Contra o Fanatismo*, co-edição Asa Editores e Público.
- QUENTAL, Antero (2001): *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 8.^a ed., Ulmeiro, Lisboa.

